



TÍTULO: subtítulo DE VÍTIMAS A VITIMÁRIOS: “adoecência” e suicídio em contextos de precarização do professorar universitário^I

TITLE: subtitle FROM VICTIMS TO VICTIMIZERS: illness and suicide in contexts of precarious university teaching

Área: Educação Superior

Eixo: Saúde na Educação Superior

Douglas Tomácio^{II}
 Joelma Silva Andrade^{III}
 Érics Lázaro Silva^{IV}
 Leandro Victor Silva Reis^V
 Alberto Luiz de Moraes e Silva Júnior^{VI}

RESUMO

Neste trabalho, intentamos analisar as condições laborais docentes no âmbito da educação superior, de modo a nelas identificar possíveis elementos estressores que fariam do autextermínio ação volitiva de professores. A mirada aqui estabelecida, em diálogo com a proposição de uma suicidologia crítica, é aquela circunscrita à compreensão do suicídio em sua faceta sócio-histórica, de modo a recursar-se a um debate que, ainda hoje proeminente, reduz o fenômeno ao discurso naturalístico-organicista, em que o sujeito suicidado é compreendido sob perspectiva medicalizada e patologizante. Nesse sentido, sob reflexão constante acerca das condições laborais docentes hodiernas e do entendimento do suicídio em seu caráter multifatorial, empreendemos uma investigação de abordagem qualitativa, sob pesquisa exploratória e de campo; a qual tem nas entrevistas semiestruturadas junto a familiares e/ou colegas de trabalho de professores que se autoexterminaram importantes indicativos acerca dos contextos laborais que enredavam os referidos profissionais e parte são da totalidade historicizada.

Palavras-chave: docência; suicídio; trabalho precarizado.

ABSTRACT

^I O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

^{II} Professor/Pesquisador associado à Universidad de Sevilla (US), é doutorando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo (USP)/CAPES. *E-mail:* dtlmeduc@gmail.com

^{III} Psicóloga, psicopedagoga e neurocientista, é mestra no Programa de Promoção de Saúde e Prevenção da Violência pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). *E-mail:* joelmapsic@yahoo.com.br

^{IV} Graduando em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). *E-mail:* ericslazarosilva@gmail.com

^V Graduande em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). *E-mail:* leandro.1398203@discente.uemg.br

^{VI} Graduando em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). *E-mail:* alberto.1398133@discente.uemg.br



In this work, we attempt to analyze teaching work conditions in higher education, in order to identify possible stressors that would make self-extinction a willful action on the part of teachers. The focus established here, in dialogue with the proposition of a critical suicidology, focuses on understanding suicide in its socio-historical aspect, in order to avoid a debate that, still prominent today, reduces the phenomenon to a naturalistic-organicist discourse, in which the suicidal subject is understood from a medicalized and pathologizing perspective. In this sense, under constant reflection on today's teaching work conditions and the understanding of suicide in its multifactorial nature, we undertook a qualitative approach investigation, under exploratory and field research; which has in the semi-structured interviews with family members and/or coworkers of teachers who self-extinguished important indicators about the work contexts that entangled these professionals and are part of the historicized totality.

Keywords: precarious work; suicide; teaching.

Data de submissão do artigo: 13/09/2024.

Data de aprovação do artigo:

1 INTRODUÇÃO

*Quero poder imaginar a vida
 como ela nunca foi,
 e assim vivê-la vívida e perdida,
 num sonho que nem dói.*
 Fernando Pessoa.

Distantes do indolor sonho, movidos estamos por um doído professorar. A vida como ela foi. A vida docente não tão vívida e sempre achada é por vezes clausura, até que não mais prende. A prisão é desfeita por aquele que se desfaz. E que, desfazendo-se, disse-nos da feitura horror docência. Nisso, no estorrecedor reconhecer, indagamos: o que leva professores ao horizonte de possibilidade apenas na morte? Dito de outro modo: que disparadores no âmbito do trabalho fazem desejosa pelos docentes a ação de suicidar-se?

Em seus variados matizes, níveis e modalidades, é o espaço universitário aquele que, propondo o formar, pode desformar a vida de seu ator/atriz empreiteiro. Sem forma e reconhecer vital, deixa ele o vazio por vezes em busca da vida, daquela transgressora onde respirar não é fardo. Vai-se.

As provocações aqui descritas se estruturam no sentido de à tona trazer discussão ainda hoje bastante incipiente no âmbito da produção científica no campo da Educação. Esta, ainda que tenha em seu bojo analítico a relação entre trabalho, docência e precarização, não



estabelece como foco investigativo a relação entre essas esferas e a morte de si, enquanto ato docente volitivo.

Nesse sentido, quando da abordagem das determinações sociais no âmbito do trabalho e sua relação com o suicídio de docentes no ensino superior – que cotidianamente experienciam contextos de intensificação, extensificação e precarização do trabalho (Silva, 2020) – chamamos atenção para mais um dos tantos sentidos da docência brasileira, qual seja: a morte. Morte que, “autoimposta”, mirada é sob destaque sociológico, em exercício de desconstrução e reconstrução de paradigmas quanto aos significados, percepções e interpretações sobre o suicídio e mesmo sobre o trabalho docente.

Assim, o trabalho docente, bem como o sofrimento e os modos mortificantes de sua realização e subjetivação, são, pois, postos em cena, preenchendo lacunas do conhecimento na referida área do saber com vistas à produção científica que possibilite elucidar contextos que, embora crescentes, inserem-se ainda no silenciamento e/ou na redução simplista, evidenciada em processos de medicalização e patologização do sujeito (Lima e Navasconi, 2022; Araújo, 2022; Almeida, 2021).

2 TRABALHO RITMANDO O MORRER

Vivemos a loucura que de nós, operários, se apossou a reinante civilização capitalista. Esta que “arrasta consigo misérias individuais e sociais que há dois séculos torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor ao trabalho, a paixão moribunda do trabalho, levado até ao esgotamento das forças vitais do indivíduo e da sua progenitora.” (Lafargue, 1883/1999, p. 63).

Morremos vítimas da “faca que se pendura sobre a cabeça do trabalhador” (Sauaya e Cohen, 2011, p. 169). Legitimamos o castigo que, em torsão discursiva, nos faz de vítimas a vitimários. Vivemos, no território das relações laborais, o assédio moral que, arvorando-se do econômico, ao social e jurídico, nos imputa as possibilidades de suicidados sermos (Berenchtein Netto, 2011).

O trabalhador, sob enredos de aflição e tormento vulneradores, está nos estratagemas do medo. Acutilado em sua ética, o eu trabalhador tomado está de seus ideais e dignidade, sua vida é devastada, tomada de sentido; forjando caminho de saída no suicídio induzido.



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

São processos que se dão sob o imperativo da produtividade, do lucro, do competitivo processo construído na interrupção da solidariedade, do companheirismo, das relações fraternais laborais. Soamada a isso está a moral do acosso, em que o significante responsabilidade é o algoz, a faca que se coloca sobre a cabeça daquele que trabalha. Nos culpamos por não rendermos o esperado. Indefesos, por nossas mãos imputam-nos castigo.

Nesses contextos de corrupção dominante, dizem Sauaya e Cohen (2011), estamos presos à “Lei Áurea do capital”, somos afetados em nossas tarefas, desprezados, resumidos ao processo de nadificação. Nada somos. Apenas um rasteiro nada que, vulnerado em seu eu, por vezes, sente a pendurada faca cair e assumir o destino sobre as cabeças nossas.

Como propõem Sauaya e Cohen (2011, p. 166), preciso é “(...) dimensionar o conhecimento do suicídio laboral sem clausulá-lo como um significado congelado”, de modo que possamos compreendê-lo a partir da problemática de sua indução em diálogo com “as causas vinculadas com as novas formas de organização do trabalho e seus efeitos sociopolíticos”. Trata, segundo Sauaya e Cohen (2011, p. 169), de compreendermos a denúncia acerca de um desgaste emocional (e não apenas) que se reflete “em angústia, depressão, estranhamento”, por meio do qual “a resistência corporal se vai quebrando e as ideias de pôr fim a essa opressão vão ocupando espaços”, até que dominantes sejam.

O ato suicida é assim investida que, apontando para dimensões sociopolíticas de um espaço-tempo, assinala o político sofrer. Um ato de tentativa, e última, de resgate da vida; antes da liberdade de se matar. É “desaparição física como solução à saída do suplício, forma alternativa de recuperar a liberdade, a autonomia [...] O acosso produz a morte em vida de um sujeito, podendo levá-lo à segunda morte. Entanto, é ente vivo sem sentido.” (Sauaya e Cohen, 2011, p. 169).

E assim, sob reciprocidade relacional, demonstra Marx (2006), a organização social, as instituições que a formam e mantêm, dispõe do sangue e da vida dos povos. Algo possível pelo vilipendiar advindo da justiça que aprisiona, dos castigos e instrumentos de suplícios que subvencionam a estrutura social, capaz de abandonar os sujeitos na miséria, golpeando-os com desprezo brutal. Contexto este, como aponta Marx, em que se faz impensável a exigência de que um sujeito preserve a si mesmo, afinal está imerso em uma existência “(...) espirinhada por nossos hábitos mais corriqueiros, nossos preconceitos, nossas leis e nossos costumes em geral.” (p.27).



Tal existência das veias faz desesperadas, onde o sangue humano corre de modo distinto. É vida que se vai como o retrato do viver espezinhado em solos onde “os germes de dissolução” consomem a “(...) geração [que] cresce e perece como que corroída em uma erva daninha.” (p.44). É nesse contexto de sociedade que “(...) na ausência de algo melhor, o suicídio é o último recurso contra os males da vida privada.” (p.48).

Para Berenchttein Netto (2015), tais compreensões não se perdem quando da análise do fazer docente, uma vez que é fazer que se dá enquanto algo subordinado à totalidade social regida pelo capital, a qual, espraiando-se, reverbera direta e inegavelmente nas relações de trabalho, na gestão deste, e na própria compreensão que tem o sujeito docente acerca de si.

Conforme o autor, em contextos de precarização, intensificação e defesa inequívoca do produtivismo, o trabalho efetiva-se ao passo que, por outro lado, ocorre a desefetivação do próprio trabalhador. Surgem os tantos impactos na saúde e vida do professorado, que, adoecido, sofre, reluta e, por vezes, suicida.

Daí a defesa de atentarmo-nos às formas de produção e reprodução de vida no trabalho docente, nele localizando as especificidades para também compreender a morte de professores. Profissionais a constatar que “(...) a natureza particular do trabalho docente verte-se em gelatina de trabalho humano abstrato, trabalho simples, despojado de todas as suas propriedades particulares (...)” (Berenchttein Netto, 2015, p.75). O docente, estranhado das e nas mais diferentes esferas, estranha a si, perde-se. É a partir, pois, das tantas requintadas formas de explorar a força de trabalho docente que o professor vivencia o contexto que o “(...) desumaniza, bestializa e faz perecer o homem.” (Barreto; Berenchttein Netto; Batista, 2011, p. 156). Enfim, perece.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

É partindo dessa compreensão acerca do suicídio que intentamos uma mirada: o suicídio de docentes universitários, entendendo-o em diálogo com o contexto mais amplo do qual parte faz a própria universidade e seus constantes processos de adaptação às dinâmicas do capital (Silva, 2020). Nesse sentido, buscamos investigar no labor docente universitário, e nas condições em que este se enquadra, elementos estressores que levam o professor ao autoextermínio. Trata-se de pesquisa, ainda em curso, estruturada na procura de estabelecer aproximações teóricas entre o suicídio docente enquanto fenômeno que, multifatorial, é também social e histórico (Marx, 2006; Berenchttein Netto, Carvalho, 2018); ao passo que aponta para uma discussão que, refletindo



sobre as condições laborais docentes hodiernas, não o reduza ao discurso naturalístico-organicista, medicalizado e patologizante do sujeito (Marquetti, 2013, 2014).

3.1 Passadas metodológicas e a análise de dados

Nessa investidura, adotamos abordagem qualitativa que se dá sob pesquisa exploratória, de campo, com entrevistas semiestruturadas junto a familiares e/ou colegas de trabalho de professores que se autoexterminaram (Minayo, 2015).

Para tal movimento, assinalamos como preocupação necessária (e critério à entrevista) a indicação por parte do respondente familiar de vivência terapêutica/acolhimento profissional especializada em escuta de posvensão^{VII}. Além disso, importa-nos que a perda tenha se dado há, pelo menos, um ano; embora saibamos ser o limite temporal um recorte bastante restrito/limitado^{VIII}. De todo modo, são passadas mínimas que acreditamos eticamente válidas quando do contato com sujeitos que tiveram suas vidas tingidas por perdas que lhes soam tão expressivas e/ou representativas.

Quanto às análises, assumimos as proposições aventadas por Berenchtein Netto e Carvalho (2018). Estes, quando da reflexão acerca de suas passadas na percepção da morte de si, destacaram a importância de compreender as tantas histórias de violência, exploração, dominação e opressão no mundo do trabalho e de fazê-lo rompendo para com outra violência: uma percepção individualizadora, não raro herética e patologizante do sujeito.

Em conformidade com esse viés analítico-interpretativo, há aqui aposta em uma análise que não tome questões sociais, como suicídio, e mais especificamente o suicídio docente, sob ordem estritamente individual; apontando assim para um contexto de exame também das determinações históricas, culturais, sociais e econômicas do trabalho. É, pois, sob o prisma histórico-cultural que advogamos a importância de compreender os determinantes econômicos, sociais, históricos e culturais do autoextermínio e isso inclusive quando da análise do trabalho docente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO: “Adoescências”

^{VII} Tal termo, proposto por Edwin Shneidman (1993), aponta para um conjunto de ações destinadas a dedicar-se aos enlutados em função de suicídio de pessoa querida. O termo, originalmente descrito como *Postvention*, não encontra ainda abrigo em dicionários de língua portuguesa

^{VIII} Como assinala (Fukumitsu, 2014), mais que o tempo em si, o maior conforto talvez se dê no sentido das vivências tantas que têm os sujeitos com as pessoas que morreram.



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

No campo estando, algumas constatações: desumanizados, docentes experienciaram a vulnerabilidade, sob as gratificações lúgubres. Adoecidos, encontraram obsessões, para fazer do viver um lugar ainda em possibilidade. Na vida daqueles, tão nossa em alguma medida, havia mais jornada que pés para caminhá-la. Fadigados, em cansaço extremo, sem pés e sem “eu”, “nadificaram-se” (Sauaya e Cohen, 2011). Suicidados.

Ao lado, ocupados e sem tempo, havia outros nada, ou quase nada colegas, ávidos por recolher o próprio sangue, despossuídos do tempo que são. O lamento exaurido morimbundo, ao que parece, ecoou sua angústia a ouvidos exauridos, acostumados (Paschoalino, 2009). Aguentavam mais a cultura (Sauaya e Cohen, 2011). Desespero.

É assim que nos tem sido, que vamos fazendo, é para isso que trabalhamos e produzimos, em prol de nossa necessária (des)gratificação, de uma renda que nos permita comprar os ansiolíticos mais caros, por exemplo. Temos reféns (Pereira, 2011), docências e docentes reféns, em suas tentativas de felicidade obsessiva, em estertor que grita e não ouvimos.

Nadificados e estranhados, amalgamados estamos pela miséria, inclusive aquela da competição. Rompem-se laços sociais solidários, de modo que o outro, quando visto, é opositor a ser eliminado (Silva, 2013); nas fraternidades que competem, os referenciais que reivindicatórios e protetores se foram.

Entramos no jogo da ética em enredo morte (Lima e Navasconi, 2022), em que a qualidade é utopia já esquecida. Da vida, fica a devastação. Tendo sido dela retirado o sentido (Sauaya e Cohen, 2011), vivemos o violento processo de matança. A duras conta-gotas, vamos morrendo, à medida que morre a possibilidade do florescer (Lafargue, 1999). Matam-nos o ideal, a ilusão que sustenta a mirada futura, deixam-nos, como ética do mundo trabalho, o esgotamento das forças vitais (Lafargue, 1999).

O suicídio como ethos do neoliberalismo (Lima e Navasconi, 2022), é o mundo do trabalho reorganizado, este onde o sentido se perde e coloca-nos em xeque, xeque-mate. E mata. A apropriação da vida como bem viver então a ele (nós) não existe (pode não existir), agora é caminhar enquanto se aguenta, pode, até que a morte assuma seus ares volição. Degradado, “humilhado e exposto”, sob o assédio moral constante (Sauaya e Cohen, 2011), é ele o culpado; reduzido à aptidão para demissão, apenas um doente-inapto-improdutivo (Pereira, 2011).



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

O corpo sente, a indagação se dá, o medo toma, os impactos se avolumam. De fato, ele não se matou, foi morto. Suicidado. Um descartável que foi facilmente substituído (Berenstein Netto, 2018). A patologia provocada é, evidenciado fica o suicídio laboral (Cohen, 2011), o docente vai-se como também traço da ruptura do laço social necessário. Ele viu-se isolado, estranho de si e entre si. Incompreendido, ou lido nos modos mais rasos (ricos em porcas elucubrações), gritamos nossa estupidez, assinamos nossa depravação, dizemos do tanto que pouco sabemos sobre o suicídio, pois assassinamos nossa humanidade (Marx, 2006).

Acontece que nossa relação docente no capital se dá nos entranhamentos que fazem do sangue óleo e, como tal, engendram as roldanas necessárias ao funcionamento da máquina, neste caso, da universidade e do trabalho que é feitura dela nestes tempos nossos. Mas não é óleo, é sangue. E não é máquina, é instituição de ensino. O que se ensina? Coisas muitas, inclusive que o não viver é vida em desgosto cotidiano. Estamos às pressas tentando recolher nosso sangue. Mas não raras vezes o fazemos no movimento que, matando-nos, à máquina revigora, fortalece, vida dá.

A desgraça, metastaseada, cria os afetos desfeitos de afeição. O colega, o par, faz-se ímpar, aquele que não singular é acostumado à competição; dela requerendo as carícias em tons destaque e por quaisquer que sejam os caminhos. Inclusive os das insidiosas gratificações.

Não nos enganemos, brindemos as tantas e quantificadas vezes que somos citados, falemos dos níveis A, B, C, D... Z (sem esquecer dos números que às letras acompanham) de pesquisadores que somos. A plataforma não mente, tão pouco os pontos que nos descrevem e credibilizam. Há tanto sentido na falta de sentido que vivemos. Espanta.

Sem prazer, e sob consciência cindida, vivemos em um sistema, em uma universidade, que se nega a relações qualitativas de abrigo e, assim, sofremos as constantes atualizações de suas estratégias de opressão, de sua hiper precarização.

Chegamos e aqui sentimos. Sentindo, por vezes, temos no medo lugar de estada. Este, ao se converter em elemento real e fundante no cotidiano, acaba por impedir a vida, a projeção, a possibilidade de mirá-la sob contextos em que o amanhã se faça palpável. Ou melhor, o seu amanhã; impede que o amanhã de si (que não parece ser para si) se faça possível. O sistema que opera protege-se, fortalece as ranhuras suas, estratégica e



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

cuidadosamente feitas a encaixe planejado. Protegendo a si, protege a morte, desprotege a vida e, assim, o humano.

O corpo grita o assédio, a precarização, o às vezes dito e quase sempre não ouvido. Os custos são altos. Habitados a habitar esses espaços, por vezes, deles fazemos estruturas nossas. Sob violência subjetivada, foi ele tomado pela dor. Habitando-a, fez-se ela também desespero (Lima e Navasconi, 2022). Um humano despedaçado, dilacerado que, reificado, viveu a solidão individualista (Berenchtein Netto, 2011). Um professor.

A perversão do capital se impôs e impõe, sem reconhecer as violências, trabalharam viveram a engrenagem, jornadas, metas, exigências intensificadas (Pereira, 2011), até que parou (parsaos). A tensão desestabilizadora fez padecer. A desapropriação da vida foi estratégia que vulnerabilizou a dignidade, ao passo que descolava os sujeitos das determinações sociopolíticas, ficaram eles sob a farsante compreensão de si e dos contextos que os tomava (Cohen, 2011). E, assim, a instituição se manteve como lugar onde muitas vezes não há desejo e pertença, um lugar faculdade afeita a um mundo capitalista globalizado extremado em suas condições de exploração.

Há muitas saídas que do repente nada têm. São ditas, às vezes, “compulsivamente”. Importa percepê-las, mesmo e principalmente que sob a instaurada Lei Áurea do capital (Cohen, 2011). Se não a acatamos como mando, a faca nos perfura. É Suicídio laboral com ares de todo dia, de sempre e para todo mundo. Mas se a faca foi posta, ela pode ser retirada. Precisamos de pares.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perscrutar o universo de docentes suicidados é dedicar-se à mirada que, para além dos sujeitos e sua subjetividade, atenta-se ao trabalho enquanto uma atividade coletiva que varia no curso do desenvolvimento histórico. E o faz em suas tensões, dinâmicas, precarizações que apontam para a também complexa teia social que nos enredos universidades se configuram.

Trata-se de uma mirada que aponta, ainda, para a necessidade de proteção de natureza estrutural e procedural, sob esforços multidisciplinares, conforme Santos *et al.* (2019). E isso requer, como destacam esses mesmos autores, a busca pela ruptura do tabu discursivo, a análise amplamente mirada e difundida, o entendimento de que essas discussões se colocam como também enredos de prevenção ao autoextermínio.



III SEMGEPES
TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

É nesse lugar que, esperançando, para além de pensar a morte de si como parte da totalidade, historicizada, sobredeterminando as absolutizações de primeira instância, Berenchtein Netto e Carvalho (2018), fazemos pesquisa como também contornos de possibilidades quanto à reflexão acerca de cenários emancipatórios aos trabalhadores da educação e das instituições em que estes atuam.

REFERÊNCIAS

- BERENCHTEIN NETTO, N. Trabalho, universidade e suicídio: uma análise da precarização/intensificação do trabalho docente desde o materialismo histórico-dialético. **Advir** (ASDURJ), v. 33, p. 67-85, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/299534391_Trabalho_universidade_e_suicidio_uma_analise_da_precarizacaointensificacao_do_trabalho_docente_desde_o_materialismo_histórico-dialeítico>. Acesso em: 05 jun. 2021.
- BERENCHTEIN NETTO, N. A morte proibida do trabalhador. Análise histórico-social das relações entre suicídio e trabalho. In: BARRETO, M. M. S. (Org.); BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L. (Org.). **Do Assédio Moral à Morte de Si. Significados sociais do Suicídio no trabalho.** 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.
- BERENCHTEIN NETTO, N.; CARVALHO, B.P. Contribuições da Psicologia Histórico Cultural para a compreensão da morte de si. In: MARQUETTI, F. (Org.). **Suicídio: escutas do silêncio.** 1ed.São Paulo: Unifesp, 2018, v. 1, p. 23-62.
- COHEN, Ester. Conceito de natureza humana, trabalho e subjetividade: um aporte para pensar a problemática do suicídio no mundo do trabalho. In: BARRETO, M. M. S. (Org.); BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L. (Org.). **Do Assédio Moral à Morte de Si. Significados sociais do Suicídio no trabalho.** 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.
- FUKUMITSU, Karina Okajima. A busca de sentido no processo de luto: escuta Zé Alguém. **Revista de Gestalt**, v. 19, pp. 59-61, 2014.
- LAFARGUE, P. **O Direito à preguiça.** São Paulo: Editora Unesp, 1883/1999.
- LIMA, Luana (Org.); Navasconi, Paulo Vitor Palma (Org.). **(Re)pensando o suicídio: subjetividades, interseccionalidade e saberes pluriepistêmicos.** 1. ed. Salvador: Edufba, 2022.
- MARQUETTI, F. C. O suicídio e sua essência transgressora. **Psicol. USP [online]**, vol.25, n.3, pp.237-245, 2014.
- MARQUETTI, F. C. **O suicídio como espetáculo na metrópole.** São Paulo, SP: Fap-Unifesp, 2013.

**III SEMGEPES**

TEMA: EDUCAÇÃO SUPERIOR: afiliação estudantil, saúde e políticas de formação de professores
UNESP de Rio Claro – SP – Brasil
11 e 12 de novembro de 2024

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PASCHOALINO, Jussara B. Q. **O Professor Desencantado: matizes do trabalho docente**. Belo Horizonte: Armazém de Ideias, 2009.

PEREIRA, L. B. O mundo do trabalho e as questões éticas que envolvem o adoecer e o morrer dos trabalhadores. In: BARRETO, M. M. S. (Org.); BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L. (Org.). **Do Assédio Moral à Morte de Si. Significados sociais do Suicídio no trabalho**. 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.

SANTOS, W.B.; SANT'ANA, T. F.; MOTA, M. C. C.; FALEIRO, W. **Suicídio Universitário: uma questão de identidade ou de profissionalização**. Goiânia: kelps, 2019. (Edição Kindle).

SAUAYA, Dulce; COHEN, Ester. O enigma do suicídio no mundo do trabalho. In: BARRETO, M. M. S. (Org.); BERENCHTEIN NETTO, N. (Org.); BATISTA, L. (Org.). **Do Assédio Moral à Morte de Si. Significados sociais do Suicídio no trabalho**. 1. ed. São Paulo: Matsunaga / SindQuim-SP, 2011.

SILVA, Eduardo Pinto e. Trabalho e subjetividade na universidade: por uma visão global e multifacetada dos processos de sofrimento e adoecimento. **Archivos Analíticos de Políticas Educativas / Education Policy Analysis Archives**, v. 28, p. 1-30, 2020.

SHNEIDMAN, E. **Suicide as Psychache: a clinical approach to self-destructive behavior**. London: Jason Aronson, 1993.